



Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



CANTOS E PHANTASIAS

POR

LUIZ NICOLÃO FAGUNDES VARELLA

CANTOS E PHANTASIAS

POR

LUIZ NICOLÁO FAGUNDES VARELLA



S. PAULO

GARRAUX, DE LAILHACAR E C^{ta}.

LIVREIROS-EDITORES

LARGO DA SÉ, 1

1865.

Todos os direitos de propriedade ficção reservados.

A MEU PAI

0

SR. DR. EMILIANO FAGUNDES VARELLA

Este livro é uma intenção, — só Deos póde conhecer-lhe o valor; — pouco me importa o juizo dos homens.

Amanhã elle desaparecerá como as folhas arrebatadas pelo vento, como as cerrações da alvorada aos primeiros raios do sol.

Mas a intenção ficará, porque é filha dos mais sublimes sentimentos humanos — o amor e a gratidão.

Se o coração produzisse epopéas, estas paginas se-

rião uma Illiada , mas a intelligencia raras vezes corresponde á vontade, e o espirito, preso á sua contingencia, tortura-se debalde em busca do impossivel.

Aceite estes cantos como elles são, o talento que os dictou é mesquinho, mas a intenção é immaculada e brilhante como um raio da Divindade.

PREFACIO

A presente collecção de versos que o publico vai ler pertence a um poeta, moço, criança ainda, em quem fôra talvez permittido entrever apenas uma esperança, e que no entanto é já uma esplendida REALIDADE na litteratura do paiz.

O escriptor d'estas linhas deverá desde já entrar, por força do costume, em renhida discussão sobre escolas e pontos de esthetica; mas além de ser isso uma cousa tida por muitos como pedantesca, não a poderia apresentar aos leitores por insufficiencia.

A inspiração de VARELLA é a natureza em primeiro lugar, e em segundo os mestres.

A individualidade do seu talento, do seu pensar, dos seus sentimentos encontra-se em todas as suas poesias, ainda n'aquellas que nada mais são do que o vivo reflexo das composições dos grandes poetas d'este seculo.

Byron e Goëthe, Victor Hugo e H. Heine, são os seus mais estimados modelos.

A outras vozes menos sublimes do que essas, as de Azevedo, Soares de Passos, Junqueira Freire, Musset e H. Moreau, casa elle as suas na mais doce das harmonias.

Ultimamente tem dedicado os seus momentos ao estudo dos poetas hespanhóes, e d'essa poesia muito vestigio se encontra em mais de uma pagina d'este volume.

Châteaubriand, Béranger, Vigny e Delavigne tambem lhe têm sido inspiração e fecunda.

Longo seria enumerar as fontes em que tem ido beber o nosso poeta.

Forão esses homens, homens oceanos, na expressão de Victor Hugo, os que lhe têm derramado na frente, a flux das inspirações, e baptisárão-o Poeta!

A mocidade das academias reconheceu-o como tal, e o paiz inteiro ha de em breve repetir o seu nome, há de inscrevê-lo no livro de ouro das suas glorias.

Saudar um homem superior, qualquer que seja a sua especialidade, é uma satisfação para aquelles que estimão e prezão as grandes cousas, adoradores do bello e da verdade.

Por isso, é tambem um dever não deixar em silencio defeitos quando os haja : Varella é por vezes descuidoso da fórma, descuido que lhe vem por vontade e desprezo das regras, o que é tanto mais de censurar.

Esses defeitos porém são pequenos, insignificantes, passageiros, por isso que o poeta póde reparal-os, fazer desaparecer, como o ha de em futuras edições, como lhe é proposito.

Por muito graves que sejam esses senões, não podem elles macular as innumeradas bellezas d'esta e das duas outras collecções já publicadas : *AS NOCTURNAS* e *AS VOZES DA AMERICA*. Como disse em principio, Varella é ainda uma criança, apavorado muita vez do muito brilho, da muita inspiração que lhe vem á alma, debil ainda para poder supportar o fardo do genio.

Fatal é a missão dos homens de talento!

Quanto animo para subir até o Sinai, buscar as taboas da lei, para explical-as ás multidões!

Quanta força não é precisa para as lutas de Jacob, lutas que sustenta o homem de genio, em cada noite de febre é de inspiração, contra o que se chama o invisível, por deficiencia de termo!*

Quantos succumbem, sem que possam expressar, REALISAR o que lhes dizem a noite e a manhã, o rumor e o silencio, o infinito e o limitado, a realidade e o sonho, o visível e o invisível, a dôr e a alegria, n'essas horas de vertigem, horas de Sybilla!

Varella é criança ainda, portanto imperfeito, defeituoso, muita sombra além de muito brilho; quando porém elle entregar-se noite e dia ao estudo da historia, quando aprofundar os mysterios da philosophia, quando o seu olhar vencer as trevas que nos cercão a todos, e além das quaes existe luz, como diz V Hugo, ah! então não posso vaticinar o que elle será, a minha intelligencia não vai tão longe, só sei que muito alcançará elle e muito ganhará as lettras.

Quando elle, quando o seu engenho, depois de cogitar no VERBO humano, quando depois de parar

ante os modelos gregos e orientaes, depois de fluctuar entre a resignação de Job, o desespero de Byron, os sonhos de Ossian e do Dante, as facecias de Ariosto, a piedade de Châteaubriand e de Lamartine, e os delirios de Hugo e dos poetas dos climas meridianos, elle fizer uma só synthese de todas essas poesias, dando-lhe um cunho americano, certo que elle ou outro de igual força, já que nos morreu o Azevedo, será o mestre, o modelo, o idolo das gerações futuras do mundo de Colombo.

Não falsas, nem exageradas têm sido as nossas phrases a proposito das poesias de F. Varella; o leitor vai ter em breve as provas do que avançamos.

Os criticos o que dirão d'ellas? O que dirão do humilde escriptor d'estas linhas?

Deos sabe!

Agora, duas palavras ao amigo.

Déste-me a maior e a mais solemne prova de amizade pedindo-me uma palavra sobre este teu novo livro de versos.

Essa palavra não podia ser a do ensino, nem a da

critica, porque tão moço como tu, humilde e incompetente, que ensino posso eu dar-te, que critica fazer a teus versos, quando além de ser teu amigo sou totalmente opposto á escola dos grammaticos e dos criticos de nenhum saber?

Essa palavra foi portanto a do amigo, em cuja alma tão gratas sensações têm produzido os teus versos, e que não sabe qual deve mais estimar em ti, se o poeta, se o homem.

Não desvendei o segredo de muitas das tuas composições : se fôras morto, talvez o fizesse. Não quiz dizer ao publico que algumas d'ellas não são meras phantasias, que o Cantico do Calvario é uma lagrima vertida sobre o tumulo de uma criança teu filho, cujo nascer eu saudei tão alegre!

A melhor parte do genio está nas recordações, disse Châteaubriand, e prova-o o teu livro; foi meu dever respeitar essas lembranças, ainda tão recentes.

Por muito tempo temos vivido juntos; conhecemo-nos crianças : lembras-te?

Foi em Angra dos Reis.

A casa do coronel B***, aonde eu estava hospedado, era de uma belleza sem par, n'aquella immensa praia, aonde parecia banhar-se; tu moravas

com toda a tua familia ; inda me lembro ; era n'uma casinha , sem cal , debaixo de copados arvoredos , perto de um riacho que por alli passava , e aonde parecia mirar-se.

Eras , como hoje o és , o José da familia .

Aquella praia como era extensa !

Quantos coqueirões , quantas rochas atiradas por alli , cujo cimo galgavamos alegres a colher o fructo dos gragoatás , e as parasitas rubras .

Eramos ageis e fortes ; nós e nossos amigos atiravamos ás ondas que embalavão-nos , sacudião-nos como aos filhos das plagas marinhas .

Á noite , reuniamo-nos todos : o que diziamos ? No que pensavamos ? O que sonhavamos então ? Não sei , nem tu talvez o possas dizer .

Lembras-te , lembra-te das noites de luar n'aquellas paragens , em frente á vastidão sem fim dos mares ?

E quando após atiravamos ás canôas , para ver estender as redes da pesca ?

E o tom monotono das cantigas dos escravos pela manhã , quando partião para as roçadas , e quando voltavão..... que doce poesia , que tristeza n'aquellas rezas !

Um dia era ao entrar da noite, á luz duvidosa, tristonha do crepusculo, vinhas a nos dizer adeos; devias partir no dia seguinte; o que nos disseste, o que dissemos a ti? Saudades.

Corrêrão annos, vim encontrar-te em S. Paulo.

Já não eras a criança de outros tempos; eras o poeta cujos cantos a academia inteira repetia, repete e repetirá sempre; eras já o successor das glorias d'aquelle outro poeta que todos nós adoramos, em cujas estrophes temo-nos todos inspirado; eras a resurreição de Azevedo.

Unímo-nos; nossas almas pedíráo mutuaes noticias, e pelas varzeas, e curvados sobre a nossa mesa de estudos, n'aquellas vigílias da nossa casinha do Braz, muito conversámos, muito sonhámos.

Todos os nossos estudos, todas as nossas vigílias, nossas praticas, nossas leituras, o que têm feito de nós?

De ti, o poeta brilhante laureado; de mim... não vale a pena fallar-se.

Estas lembranças do nosso passado, tão cheias de poesia, cujos doces perfumes não póde rescender a minha prosa, erão necessarias aqui, n'esta primeira pagina do teu livro, pagina que deixaste em

branco, para que eu escrevesse n'ella o meu nome e o título da nossa amizade.

Em conclusão :

Saudo o teu engenho, como hei saudado o de todos os nossos collegas e amigos; na minha tristeza e humilde isolamento, já que não posso fazer parte da brilhante phalange dos talentos do nosso tempo, resta-me ao menos o doce e inestimavel consolo de dizer mais tarde, se viver, aos que me perguntarem por elles : eu os vi, e convivi com elles.

J. FERREIRA DE MENEZES.

S. Paulo, Janeiro de 1865.

LIVRO PRIMEIRO

JUVENILIA

POEMA

JUVENILIA



I

Lembras-te, Inah, d'essas noites
Cheias de doce harmonia,
Quando a floresta gemia
Do vento aos brandos açoites?

Quando as estrellas sorrião ,
Quando as campinas tremião
Nas dobras de humido véo ?
E nossas almas unidas
Estreitavão-se , sentidas ,
Ao languor d'aquelle céo ?

Lembras-te , Inah? Bello e mago
Da nevoa por entre o manto ,
Erguia-se ao longe o canto
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavão ,
Os pinheiros murmuravão
No viso das cordilheiras ,
E a briza lenta e tardia
O chão relvoso cobria
Das flôres das trepadeiras.

Lembras-te , Inah? Eras bella,
Ainda no albor da vida,
Tinhas a fronte cingida
De uma innocente capella.

Teu seio era como a lyra
Que chora , canta e suspira
Ao roçar de leve aragem ;
Teus sonhos erão suaves
Como o gorgueio das aves
Por entre a escura folhagem.

Do mundo os negros horrores
Nem presentias sequer ;
Teus almos dias , mulher,
Passavão n'um chão de flôres.

Oh! primavera sem termos!
Branços luares dos ermos!
Auroras de amor sem fim!
Fugistes deixando apenas,
Por terra esparsas as pennas
Das azas de um serafim!

Ah! Inah! Quanta esperança
Eu não vi brilhar nos céos,
Ao luzir dos olhos teus,
A teu sorrir de criança!

Quanto te amei! Que futuros!
Que sonhos gratos e puros!
Que crenças na eternidade!
Quando a furto me fallavas,
E meu ser embriagavas
Na febre da mocidade!

Como nas noites de estio ,
Ao sopro do vento brando ,
Rola o selvagem cantando
Na correnteza do rio ;

Assim passava eu no mundo ,
N'esse descuido profundo .
Que etherea dita produz !
Tu eras , Inah , minh' alma ,
De meu estro a gloria e a palma ,
De meus caminhos a luz !

Que é feito agora de tudo ?
De tanta illusão querida ?
A selva não tem mais vida ,
O lar é deserto e mudo !

Onde foste , oh ! pomba errante?
Bella estrella scintillante
Que apontavas o porvir?
Dormes acaso no fundo
Dõ abysmo tredo e profundo ,
Minha perola de Ophir?

Ah ! Inah ! por toda parte
Que teu espirito esteja ,
Minh' alma que te deseja
Não cessará de buscar-te!

Irei ás nuvens serenas ,
Vestindo as ligeiras pennas
Do mais ligeiro condor ;
Irei ao pégo espumante ,
Como da Asia o possante :
Soberbo mergulhador !

Irei á patria das fadas
E dos sylphos errabundos,
Irei aos antros profundos
Das montanhas encantadas;

Se depois de immensas dôres,
No seio ardente de amores
Eu não puder apertar-te,
Quebrando a dura barreira
D'este mundo de poeira
Talvez, Inah, hei de achar-te!

II

Era á tardinha. Scismando,
Por uma senda arenosa
Eu caminhava. Tão brando
Como a voz melodiosa
Dá menina enamorada,
Sobre a grama avelludada
Corria o vento a chorar.
Gemia a pomba; — no ar
Passava grato e sentido
O aroma das maravilhas

Que crecção junto ás trilhas
Do deserto humedecido.

Mais bella que ao meio-dia,
Mais carinhosa, batia
A luz nos cannaviaes;
E o manso mover das mattas
O barulho das cascatas
Tinhão notas divinaes.
Tudo era tão calmo e lindo,
Tão fresco e placido alli,
Que minh' alma se expandindo
Voou, foi junto de ti,
Nas azas do pensamento,
Gozar do contentamento
Que n'outro tempo fruí.
Oh! como através dos mantos
Das saudades e dos prantos
Tão meigamente sorrias!
Tinhas o olhar tão profundo
Que de minh' alma no fundo

Fizeste brotar um mundo
De sagradas alegrias.

Uma grinalda de rosas
Branças, virgens, odorosas,
Te cingia a fronte triste;
Scismavas queda, silente,
Mas ao chegar-me, tremente
Te ergueste, e alegre, contente
Sobre meus braços cahiste.
Pouco a pouco entre os palmares
Da longinqua serrania,
Sumia-se a luz do dia
Que aclarava esses lugares;
As campanulas pendidas
Sobre as fontes adormidas
De sereno gottejavão,
E no fundo azul dos céos,
Dos vapores entre os véos
As estrellas despontavão.

Eramos sós, mais ninguem
Nossas palavras ouvia;
Como tremias, meu bem!
Como tou peito batia!...
Pelas janellas abertas,
Entravão molles, incertas,
D'aquellas plagas desertas
As virações suspirosas,
E cheias de mil desvelos,
Cheias de amor e de anhelos,
Lançavão por teus cabellos
O effluvio das tuberosas!...
Ai! tu não sabes que dôres,
Que tremendos dissabores
Longe de ti eu padeço!
Em teu retiro sózinha,
Pobre criança mesquinha,
Cuidas talvez que te esqueço!
A turba dos insensatos
Entre futeis apparatus
Canta e folga pelas ruas;
Mas triste, sem um amigo,

Em meu solitario abrigo
Pranteio saudades tuas !
Nem um minuto se passa ,
Nem um insecto esvoaça ,
Nem uma briza perpassa
Sem uma lembrança aqui ;
O céo d'aurora risonho ,
A luz de um astro tristonho ,
Os sonhos que á noite sonho ,
Tudo me falla de ti.

III

Tu és a aragem perdida
Na espessura do pomar,
Eu sou a folha cahida
Que levas sobre as azas ao passar.
Ah! voa, voa, a sina cumprirei :
Te seguirei.

Tu és a lenda brilhante
Junto do berço cantada ,
Eu sou o pavido infante
Que o somno esquece ouvindo-te a toada.
Ah! canta, canta, a sina cumprirei :
Te escutarei.

Tu és a onda de prata
Do regato transparente,
Eu a flôr que se retrata
No crystal encantado da corrente.
Ah! chora, chora, o fado cumprirei :
Te beijarei.

Tu és o laço enganoso
Entre rosas`estendido ,
Eu passaro descuidoso
Por funesto prestigio seduzido.
Oh ! não temas, a sina cumprirei :
Me entregarei.

Tu és o barquinho errante
No espelho azul da lagôa,
Eu sou a espuma alvejante
Que agita n'agua a cortadora prôa.
Ah! voga , voga , o fado cumprirei :
Me desfarei.

Tu és a luz d'alvorada
Que rebenta n'amplidão,
Eu a gotta pendurada
Na trepadeira curva do sertão.
Ah ! brilha, brilha, a sorte cumprirei :
Scintillarei.

Tu és o iris eterno
Sobre os desertos pendido,
Eu o ribeiro do inverno
Entre broncos fragedos escondido.
Ah ! fulge, fulge, a sorte cumprirei :
Deslisarei.

Tu és a esplendida imagem
De um romantico sonhar .
Eu cysne de alva plumagem
Que fallece de amor a te mirar.
Ah ! surge , surge , o fado cumprirei :
Desmaiarei.

Tu és a luz crepitante
Que em noite trevosa ondeia,
Eu mariposa offegante
Que em torno a chamma tremula volteia.
Ah! basta, basta, a sina cumprirei :
Me abrasarei.

IV

Teus olhos são negros, — negros
Como a noite nas florestas...
Infeliz do viajante
Se de sombras tão funestas
Tanta luz não rebentasse!
A aurora desponta e nasce
Da noite escura e tardia :
Tambem da noite sombria
De teus olhos amorosos
Partem raios mais formosos
Que os raios da luz do dia.

Teu cabelo mais cheiroso
Que o perfume dos vergeis,
Na brancura immaculada
Da cutis assetinada
Rola em profusos anneis :
Eu quizera ter mil almas,
Todas ardentes de anhelos,
Para prendêl-as, meu anjo,
A' luz de teus olhos bellos,
Nos grilhões de teus olhares,
Nos anneis de teus cabellos!

V

Não vês quantos passarinhos
Se cruzão no azul do céu?
Pois olha, pomba querida,
 Mais vezes,
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantas rosas bellas
O sereno humedeceu?
Pois olha, flôr de minh' alma,
 Mais vezes,
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantos grãos de arêa
Na praia o rio estendeu?
Pois olha, candida perola,
 Mais vezes,
Mais vezes te adoro eu.

Ave, — flôr, — perfume, — canto,
Rainha do genio meu,
Além da gloria e dos anjos,
 Mil vezes,
Mil vezes te adoro eu.

VI

És a sultana das brasileas terras,
A rosa mais balsamica das serras,
A mais bella palmeira dos desertos ;
Tens nos olhares do infinito as festas
E a moicidade eterna das florestas
Na frescura dos labios entre-abertos.

Porque Deos fez-te assim? Que brilho é esse
Que ora incendêa-se, ora desfallece
N'essas pupillas doudas de paixão?...
Quando as enxergo julgò nos silvados

Ver palpitar nos lírios debruçados
As borboletas negras do sertão.

O rochedo luzido onde a torrente
Bate alta noite rápida e fremente ,
De teu preto cabello inveja a côr...
E que aromas , meu Deos ! o estio inteiro
Parece que levanta-se fagueiro ,
Cheio de sombra e canticos de amor !

Quando tu fallas lembro-me da infancia ,
Dos vergeis de dulcissima fragancia
Onde cantava á tarde o sabiá !...
Ai ! deixa-me chorar e falla ainda ,
Não , não dissipes a saudade infinda
Que n'esta fronte bafejando está !

Eu tenho n'alma um pensamento escuro ,
Tão tredo e fundo que o pharol mais puro

Que Deos ha feito espancará jámais!
Debalde allivio hei procurado afflicto,
Mas quando fallas teu fallar bemdito
Abranda-lhe os martyrios infernaes!

Dizem que a essencia dos mortaes ha vindo
De um outro mundo mais formoso e lindo
Que um santo amor as bases alimenta,
Talvez n'esse outro mundo um laço estreito
A teu peito prendesse o triste peito
Que hoje sem ti nas trevas se lamenta!

És a princeza das brasileas terras,
A rosa mais balsamica das serras,
Do céo azul a estrella mais dilecta...
Vem, não te afastes, teu sorrir divino
É bello como a aurora, e a voz um hymno
Que o genio inspira do infeliz poeta.

VII

Ah ! quando face a face te contemplo ,
E me queimo na luz de teu olhar ,
E no mar de tu' alma afogo a minha ,
E escuto-te fallar ,

Quando bebo teu halito mais puro
Que o bafejo ineffavel das espheras ,
E miro os roseos labios que aviventão
Immortaes primaveras ,

Tenho medo de ti!... Sim, tenho medo
Porque presinto as garras da loucura,
E me arrefeço aos gelos do atheismo
Soberba creatura!

Oh! eu te adoro como adoro a noite
Por alto mar, sem luz, sem claridade,
Entre as refegas do tufão bravio
Vingando a immensidade!

Como adoro as florestas primitivas
Que aos céos levantão perennaes folhagens,
Onde se embalão nos coqueiros presas
As redes dos selvagens!

Como adoro os desertos e as tormentas,
O mysterio do abysmo e a paz dos ermos,
E a poeira de mundos que prateia
A abobada sem termos!...

Como tudo o que é vasto, eterno e bello;
Tudo o que traz de Deos o nome escripto!
Como a vida sem fim que além me espera
No seio do infinito!

VIII

Saudades ! Tenho saudades
D'aquelles cerros azues
Que á tarde o sol inundava
De louros toques de luz !
Tenho saudades dos prados,
Dos coqueiros debruçados
A' margem do ribeirão ,
E o dobre de Ave-Maria
Que o sino da freguezia
Lançava pela amplidão !

Oh! minha infancia querida!
Oh! doce quartel da vida,
Como passaste depressa!
Se tinhas de abandonar-me,
Porque falsaria enganar-me
Com tanta meiga promessa?
Ingrata porque te foste?
Porque te foste, infiel?
E a taça de ethereas ditas,
As illusões tão bonitas
Cobriste de lama e fel?

Eu era vivo e travesso,
Tinha seis annos então,
Amava os contos de fadas
Contados junto ao fogão,
E as cantigas compassadas,
E as legendas encantadas
Das éras que lá se vão.
De minha mãe era o mimo,
De meu pai era a esperança;
Um tinha o céo, outro a gloria

Em meu sorrir de criança ;
Ambos das luzes vivião
Que de meus olhos partião.

Junto do alpendre sentado
Brincava como minha irmã ,
Chamando o grupo de anginhos
Que tiritavão sózinhos
Na cerração da manhã ;
Depois por invios caminhos ,
Por campinas orvalhadas ,
Ao som de ledas risadas
Nos lançavamos correndo.
O viandante parava
Tão descuidosos nos vendo ,
O camponez nos saudava ,
A serrana nos beijava
Ternas palavras dizendo.

A' tarde erão brincos , festas ,
Carreiras entre as giestas ,

Folgedos sobre a verdura;
Nossos pais nos contemplavão,
E seus seios palpitavão
De uma indizível ventura.
Mas ai! os annos passarão,
E com elles se apagarão
Tão lindos sonhos sonhados!
E a primavera tardia,
Que tanta flôr promettia,
Só trouxe acerbos cuidados!

Inda revejo esse dia,
Cheio de dôres e prantos,
Em que tão puros encantos
Oh! sem saber os perdia!
Lembra-me ainda : era á tarde,
Morria o sol entre os montes,
Casava-se a voz das rôlas
Ao borborinho das fontes;
O espaço era todo aromas,
Da matta virgem nas comas

Pairava um grato frescor ;
As criancinhas brincavão ,
E as violas resoavão
Na cabana do pastor.

Parti , parti , mas minh' alma
Partida ficou tambem ,
Metade alli , outra em penas
Que mais consolo não têm !
Oh ! como é diverso o mundo
D'aquellas serras azues ,
D'aquelles valles que`riem
Do sol á dourada luz !
Como differem os homens
D'aquelles rudes pastores
Que o rebanho apascentavão
Cantando idyllios de amores !

Subi aos paços dos nobres ,
Fui aos casebres dos pobres ,

Riqueza e miseria vi,
Mas tudo é morno e cansado,
Tem um gesto refalsado
N'estes lugares d'aqui !
Oh ! então chorei por ti ,
Minha adorada mansão ;
Chamei-te de meu desterro,
Os braços alcei-te em vão !
Não mais ! Os annos passarão,
E com elles desbotarão
Tantas rosas de esperança !
Do tempo nas cinzas frias
Repousão p'ra sempre os dias
De meu sonhar de criança !

IX

Um dia o sol poente dourava a serrania ,
As ondas suspiravão na praia mansamente ,
E além nas solidões morria o som pligente
Dos sinos da cidade dobrando Ave-Maria.

Estavamos sózinhos sentados no terraço
Que a trepadeira em flôr cobria de perfumes :
Tu escutavas muda das auras os queixumes ,
Eu tinha os olhos fitos na vastidão do espaço.

Então me perguntaste com essa voz divina
Que a teu suave mando trazia-me captivo,
Porque todo o poeta é triste e pensativo?
Porque dos outros homens não segue a mesma sina?

Era tão lindo o céu, — a tarde era tão calma,
E teu olhar brilhava tão cheio de candura,
Criança! que não viste a tempestade escura
Que estas palavras tuas me despertarão n'alma!

Pois bem, hoje que o tempo partio de um golpe só
Sonhos da mocidade e crenças do futuro,
Na frente do poeta não vês o sello escuro
Que faz amar as tumbas e affeiçoar-se ao pó?

X

A' luz d'aurora nos jardins da Italia
Floresce a dhalia de sentida côr,
Conta-lhe o vento divinaes desejos
E geme aos beijos da mimosa flôr.

O céu é lindo , a fulgurante estrella
Ergue-se bella n'amplidão do sul,
Pallidas nuvens do arrebol se córáo ,
As auras chorão na lagôa azul.

Tu és a dhalia dos jardins da vida ,
A estrella erguida no ceruleo véo ,
Tens n'alma um mundo de virtudes santas ,
E a terra encantas n'um sonhar do céo.

Basta um bafejo na inspirada fibra
Que o seio vibra divinaes encantos ,
Como no templo do Senhor, vendado
O orgão sagrado se desfaz em cantos.

Pomba innocente, nem sequer o indicio
Do escuro vicio presentiste apenas!
Nunca manchaste na charneca impura
A doce alvura das formosas pennas.

LIVRO SEGUNDO

LIVRO DAS SOMBRAS

:

S. PAULO 1864

LIVRO DAS SOMBRAS

3



A .



Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallido scompuz;
Cercavão-me planicies sem belleza,
Pesava-me na fronte um céu sem luz.

Ergue este ramo solto em teu caminho;
Sei que em teu seio asylo encontrará!...
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está!...

SCISMAS À NOITE

Doce briza da noite, aura mais frouxa
Que o debil sopro de adormido infante,
Tu és quem sabe a perfumada aragem
Das azas de ouro d'algum genio errante.

Tu és quem sabe a gemedora endecha
De um ente amigo que afastado chora,
E ao som das fibras do psalterio eburneo
Conta-me as dôres que padece agora!

Ai! não te arredes, viração tardia,
Zephyro pleno da estival fragrancia!
Sinto a teus beijos resurgir-me n'alma
O drama inteiro da rosada infancia!

Bem como a aurora faz brotar as cícias,
Chama da selva os festivaes cantores,
Assim dos tempos na penumbra elevas
Todos os quadros da estação das flôres.

Sim, — vejo ao longe os matagaes extensos,
O lago azul, — os palmeiraes airosos,
A grei sem conta de ovelhinhas brancas
Balindo alegre nos sarçaes viçosos;

Diviso a choça paternal no outeiro,
Alva, — gentil, — dos laranjaes no seio,
Como a gaivota descuidosa e calma
Das verdes ondas a boiar no meio.

Sinto o perfume das roçadas frescas,
Ouço a canção do lenhador sombrio,
Sigo o barqueiro que tranquillo fende
A lisa face do profundo rio.

Oh! minhas noites de illusões celestes!
Visões brilhantes da primeira idade!
Como de novo reviveis tão lindas
Por entre as balsas da nativa herdade!

Como no espaço derramais, suaves,
Tão langue aroma, — vibração tão grata!
Como das sombras do passado, mesmo,
Tantas promessas o porvir desata!

Exalte embora o insensato as trevas,
Chame o descrido a solidão e a morte,
Não quero ainda fenecer, é cedo!
Creio na sina, tenho fé na sorte!

Creio que as dôres que supporto alcancem
Um premio ainda da justiça eterna!
Oh! basta um sonho!... o respirar de um sylpho,
O amor de um' alma compassiva e terna!

Basta uma noite de luar nos campos,
O brando effluvio dos vergeis do sul,
Dous olhos bellos, — como a crença bellos!
Fitos do espaço no fulgente azul!

Ah! não te afastes, viração amiga!
Além não passes com teu molle adejo!
Tens nas delicias que as torrentes vertes,
Toda a doçura de um materno beijo!

Falla-me ainda d'esses tempos idos,
Rasga-me a tela da sasão que vem,
Foge depois, e mais subtil, mais tenue
Vai meus suspiros repetir além.

SEXTILHAS



Amo o cantor solitario
Que chora no campanario
Do mosteiro abandonado,
E a trepadeira espinhosa
Que se abraça caprichosa
A' força do condemnado.

Amo os nocturnos lampyrios
Que gyrão, errantes cirios,
Sobre o chão dos cemiterios,
E ao clarão de tredas luzes
Fazem destacar as cruzes
De seu fundo de mysterios.

Amo as tímidas aranhas
Que lacerando as entranhas
Fabricão dourados fios,
E com seus leves tecidos,
Dos tugurios esquecidos
Cobrem os muros sombrios.

Amo a lagarta que dorme,
Nojenta, languida, informe,
Por entre as hervas rasteiras,
E as rãs que os paues habitão,
E os molluscos que palpitão
Sob as vagas altaneiras!

Amo-os, porque todo o mundo
Lhes vota um odio profundo,
Despreza-os sem compaixão!
Porque todos desconhecem
As dôres que elles padecem
No meio da criação!

•

HORAS MALDITAS

Ha umas horas na noite,
Horas sem nome e sem luz,
Horas de febre e agonia
Como as horas de Maria
Debruçada aos pés da cruz.

Tredos abortos do tempo ,
Cadêas de maldição ,
Vertem gelo nas arterias ,
E suffocão , deleterias ,
Do poeta a inspiração .

N'essas horas tumulares
Tudo é frio e desolado ;
O pensador vacillante
Julga ver a cada instante
Livido espectro a seu lado .

Quer fallar, porém seus labios
Recusão-lhe obedecer,
Medrosos de ouvir nos ares
Uma voz de outros lugares
Que venha os interromper .

Se abre a janella, as planicies
Vê de aspecto atterrador ;
As plantas frias, torcidas
Parece que esmorecidas
Pedem soccorro ao Senhor.

As charnecas lamacentas
Exhalão podres miasmas ;
E os fogos phosphorescentes,
Passão rapidos, frementes
Como um bando de fantasmas.

E a razão vacilla e treme,
Coalha-se o sangue nas vêas,
Mas as horas somnolentas,
Vão-se arrastando cruentas
Ao som das bronzeas cadêas.

Oh! essas horas tremendas
Tenho-as sentido de mais!
E os males que me causarão,
Os traços que me deixarão
Não se apagarão jámais!

CANTICO DO CALVARIO

Á MEMORIA DE MEU FILHO

MORTO A 11 DE DEZEMBRO DE 1863.

Eras ná vida a pomba predilecta
Que sobre um mar de angustias conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrella
Que entre as nevoas do inverno scintillava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.

Eras o idyllio de um amor sublime.
Eras a gloria, — a inspiração, — a patria,
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engulio-te o temporal do norte!
Tecto, cahiste! — Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extincta,
Dubios archotes que a tremer clarêão
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golgonda
Fulgurar na corôa de martyrios
Que me circumda a fronte scismadora!
São mortos para mim da noite os fachos,
Mas Deos vos faz brilhar, lagrimas santas,
E á vossa luz caminharei nos ermos!
Estrellas do soffrer, — gottas de mágoa,
Brando orvalho do céo! — Sede bemditas!
Oh! filho de minh'alma! Ultima rosa

Que n'este solo ingrato vicejava !
Minha esperança amargamente doce !
Quando as garças vierem do occidente
Buscando um novo clima onde pousarem ,
Não mais te embalarei sobre os joelhos ,
Nem de teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos !
Não mais invocarei a musa errante
N'esses retiros onde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda
Que reflectia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se forão !
Não mais perdido em vaporosas scismas
Escutarei ao pôr do sol , nas serras ,
Vibrar a trompa sonora e leda
Do caçador que aos lares se recolhe !

Não mais ! A arêa tem corrido , e o livro
De minha infanda historia está completo !
Pouco tenho de andar ! Um passo ainda
E o fructo de meus dias , negro , podre ,

Do galho eivado rolará por terra!
Ainda um threno, e o vendaval sem freio
Ao soprar quebrará a ultima fibra
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o écho das tristezas todas
Que entre os homens achei! O lago escuro
Onde ao clarão dos fogos da tormenta
Mirão-se as larvas funebres do estrago!
Por toda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...

Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sobre as costas bravias do Oceano,
Esperando que a vida se esvahisse
Como um floco de espuma, ou como o friso
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro!
Quantos momentos de loucura e febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando n'essas vozes torvas
Distinguir o meu cantico de morte!

Quantas noites de angustias e delirios
Não velei, entre as sombras espreitando
A passagem veloz do genio horrendo
Que o mundo abate ao galopar infrene
Do selvagem corsel?... E tudo embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser!... E tu tão joven,
Tão puro ainda, — ainda n'alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, cystalida entre luzes,
Foste o escolhido na tremenda ceifa!
Ah! quando a vez primeira, em meus cabellos
Senti bater teu halito suave;
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
Pulsar-te o coração divino ainda;
Quando fitei teus olhos socegados,
Abysmos de innocencia e de candura,
E baixo e a medo murmurei : meu filho!
Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,
Grata como o chorar de Magdalena
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras
Senti rugir o vento incendiado

D'esse amor infinito que eternisa
O consorcio dos orbes que se enredão
Dos mysterios do ser na têa augusta!
Que prende o céo á terra e a terra aos anjos!
Que se expande em torrentes ineffaveis
Do seio immaculado de Maria!

Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma gloria que elevou-mê aos astros,
Chorando aos pés da cruz hoje padeço!

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida de rafeiros bardos,
Torpe alegria que circumda os berços
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,
Não te saudarão ao sorrir primeiro,
Clicia mimosa rebentada á sombra!
Mas ah! se pompas, esplendor faltarão-te,
Tiveste mais que os principes da terra!

Templos, altares de afeição sem termos!
Mundos de sentimento e de magia!
Cantos dictados pelo proprio Deos!
Oh! quantos reis que a humanidade aviltão,
E o genio esmagão dos soberbos thronos,
Trocarião a purpura romana
Por um verso, uma nota, um som apenas
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemditas!
Do cantor infeliz lançaste á vida,
Arco-iris de amor! Luz da alliança,
Calma e fulgente em meio da tormenta!
Do exilio escuro a cithara chorosa
Surgio de novo e ás virações errantes
Lançou diluvios de harmonia! — O gozo
Ao pranto succedeu. As ferreas horas
Em desejos alados se mudárão.
Noites fugião, madrugadas vinhão,
Mas sepultado n'um prazer profundo
Não te deixava o berço descuidoso,

Nem de teu rosto meu olhar tirava ,
Nem de outros sonhos que dos teus vivia !

Como eras lindo ! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tepido vestigio
Dos beijos divinaes , — nos olhos langues
Brilhava o brando raio que acendêra
A benção do Senhor quando o deixaste !
Sobre o teu corpo a chusma dos anginhos ,
Filhos do ether e da luz, voavão ,
Rião-se alegres, das caçoilas niveas
Celeste aroma te vertendo ao corpo !
E eu dizia comigo : — teu destino
Será mais bello que o cantar das fadas
Que danção no arrebol , — mais triumphante
Que o sol nascente derribando ao nada
Muralhas de negrume !... Irás tão alto
Como o passaro-rei do Novo Mundo !

Ai ! doudo sonho !... Uma estação passou-se ,
E tantas glorias , tão risonhos planos

Desfizerão-se em pó! O genio escuro
Abrasou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castellos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros imperios de além-mundo
Com seu dedo real sellou-te a fronte!
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo ainda,
Creio-te vivo, e mor o te pranteio!...

Ouço o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murchão-se contigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de phrases pueris, estultas,
O linho mortuario que retalhão
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas
Saudades e perpetuas, — sinto o aroma
Do incenso das igrejas, — ouço os cantos
Dos ministros de Deos que me repetem
Que não és mais da terra!... E choro embalde

Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Creador dos seres! Tu me fallas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flebil!
Tu me contempas lá do céo, quem sabe,
No vulto solitario de uma estrella.
E são teus raios que meu estro aquecem!
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!
Brilha e fulgura no azulado manto,
Mas não te arrojés, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do occidente!
Brilha e fulgura! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das azas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde asinha subirá minh' alma.

MADRUGADA À BEIRA-MAR



O firmamento inteiro
Transborda de fulgores,
Do sol aos esplendores,
De Deos ao vasto olhar;
Esparsas no infinito
As nuvens cambiantes
Se espelham triumphantes
Na face azul do mar.

A tribu das gaivotas
Abrindo as azas leves,
Descreve gyros breves
Das rochas ao redor;
E além na praia extensa,
Ao cantico das aves
Misturão-se as suaves
Canções do pescador.

Nas ondas transparentes
D'aurora aos brandos lumes,
Pratêão os cardumes
Dos vividos peixinhos;
E os botes descuidosos,
Em prolongadas voltas,
Correm de velas soltas
Nos páramos marinhos.

Comtudo entre as bellezas
D'este festim sublime

Eu sinto que me opprime
Um intimo pezar !
Porque não sou a concha
Que volve-se na praia?
E a espuma que desmaia?
A onda azul do mar?

Porque não tenho eu azas
Assim como a andorinha ,
Que se levanta asinha
E vôa n'amplidão ?
Se a inspiração procura
Erguer-me pelo espaço ,
Um rijo, estreito laço
Me prende os pés no chão !

O sol que hoje fulgura
E as vagas illumina ,
De novo a luz divina
Derramará nos céos ;

A madrugada esplendida,
No dia de amanhã,
Virá bella e louçã
Quebrar da noite os véos.

Mas eu, ente maldito,
Da criação no meio,
Tenho no fragil seio
Martyrios infernaes!
Hoje reflecto, sinto,
Mas amanhã, cahido,
Do lodo apodrecido
Não surgirei jámais!

SOMBRAS!

Não me detestes, não! Se tu padeces,
Tambem minh' alma teu soffrer partilha,
E sigo em prantos do supplicio a trilha,
Curvado ao peso de tremenda cruz!

Para nós ambos apagou-se a luz,
Tuto é tristeza no deserto vario,
Inda está longe o cimo do Calvario...
Não para ti... mas para mim, precito!

Tenho na face o desespero escripto.
Todos me odeião ! — Quanto toco é pó !
Ai ! n'este mundo tu me amaste , só,
E em paga d'esse amor tiveste o inferno !

Pallida rosa do alcaçar eterno !
Candida pomba que a innocencia nutre !
Melhor te fôra a sanha de um abutre
Que estas profanas mãos que te roçárão !

Aos céos os anjos teu chorar levárão ,
Irmãos preparão-te amoroso abrigo ,
E eu inda fico !... E tenho por castigo
Sentir-me vivo quando tudo expira !

Oh ! quando á noite o vendaval se atira ,
Quebrando as vagas turbulentas , frias ,
E lasca o raio as broncas penedias
Onde a chuva despenha-se escumando ;

Penso que Deos se abranda e vem chegando
A ultima scena de meu torvo drama ;
Mas do fusil que passa á rubra chamma
Vejo ainda longe o pouso derradeiro !

Andar e sempre andar ! O globo inteiro
Pendido atravessar como Caím !
Não achar um repouso , um termo , um fim
A' dôr que róe , lacera e não descansa !

E jámais antever uma esperança !
Uma restia de luz ná escuridão !
Uma voz que me falle de perdão
E parta o bronzeo sello de agonia !

Ah ! é cruento ! Mas talvez um dia
Comprehendas tão funda expiação ,
E o pobre nome que detestas hoje
Murmures entre lagrimas então !

.

A VARZEA

As luzes matutinas,
Sorrindo entre neblinas,
A varzea como é linda!
Parece uma criança
Rosada, loura e mansa,
No molle berço ainda.

O arroio somnolento
Deslisa tardo e lento
Por entre os nenuphares,
E cada vez mais brando
Se vai perder chorando
No seio dos palmares.

As languidas nymphéas
De fresco orvalho cheias,
Nas hasteas se balanção;
E como doudas willis,
Por sobre as amaryllis
As borboletas dansão.

Na têa de mil côres,
Brilhante em vaporess,
A aranha se equilibra,
Fugindo, de um argueirò
O toque o mais ligeiro
Que abala a sábia fibra.

Depois leve, indolente,
A nevoa docemente
Desdobra-se passando,
E além, nos horizontes,
Por entre os altos montes,
O sol vem despontando.

A grama, o rio, as flôres,
Os tímidos cantores,
Palpitão de alegria,
E o pobre em seu albergue
Humildes cantos ergue
Ao filho de Maria.

Meu Deus! a luz divina
Que os orbes illumina
Rebenta de teus olhos,
Sant'elmos de além-mundo
Que vêm no mar profundo
Mostrar-nos os escolhos!

Ah ! que seria a vida ,
Tão tetrica e dorida ,
Sem teu saber sem termos ?
Que quando o triste cansa ,
Povôa de esperança
Os mais medonhos ermos ?

Senhor ! a podre argila
Abafa e aniquila
Meu genio solitario !...
Oh ! nem mais forças tenho
Para arrastar meu lenho
Ao combro do Calvario !

No meio da jornada
Vergou-me a mão pesada
Da infamia negra e rude !
As serpes que passarão ,
A rosa envenenarão
De minha juventude !

Mas ah ! quando contemplo
Teu magestoso templo,
A vasta criação,
Sinto brotar de novo,
De crença inda um renovo
No exausto coração !

QUEIXAS DO POETA

Ao cedro magestoso que o firmamento espana
Ligou a mão de Deos a humida liana;
A's amplas soledades arroios amorosos;
A's selvas passarinhos de cantos sonorosos;
Neblinas ás montanhas; aos mares virações;
Ao céu mundos e mundos de fulgidos clarões;
Mas presa de uma dôr tantalica e secreta
Sózinho fez brotar o genio do poeta!...

A aurora tem cantigas e a mocidade rosas ,
O somno do opulento visões deliciosas ;
Nas ondas crystallinas espelham-se as estrellas ,
E as noites d'esta terra têm seducções tão bellas ,
Que as plantas, os rochedos e os homens electrifão,
E os mais dourados sonhos na vida realisão !
Mas triste, do martyrio ferido pela setta,
Soluça no silencio o misero poeta !...

As auras do verão, nas regiões formosas
Do mundo Americano, as virações cheirosas
Parecem confundidas rolar por sobre as flôres
Que exhalão da corola balsamicos odores ;
As leves borboletas em bandos esvoação ;
Os reptis na sombra ás arvores se enlação ;
Mas só, sem o consolo de um alma predilecta,
Descora no desterro a fronte do poeta !...

O viajor que á tarde sobre os outeiros passa ,
Divisa junto ás selvas um fio de fumaça
Erguer-se preguiçoso da choça hospitaleira
Pousada alegremente de um ribeirão á beira ;
Alli junto dos seus descansa o lavrador
Dos homens afastado e longe do rumor ;

Mas no recinto escuro que o desalento infecta
Succumbe lentamente o genio do poeta!...
No rio caudaloso que a solidão retalha,
Da funda correnteza na limpida toalha,
Deslisão mansamente as garças alvejantes;
Nos tremulos cipós de orvalho gottejantes,
Embalão-se avesinhas de pennas multicôres
Pejando a matta virgem de canticos de amores;
Mas presa de uma dôr tantalica e secreta
De dia em dia murcha o louro do poeta!...

RESIGNAÇÃO

Sózinho no descampado ,
Sózinho , sem companheiro ,
Sou como o cedro altaneiro
Pela tormenta açoutado.

Rugi ! tufão desabrido !
Passai ! temporaes de pó
Deixai o cedro esquecido ,
Deixai o cedro estar só !

Em meu orgulho embaçado,
Do tempo zombo da lei...
Oh! venha o raio abrasado,
— Sem me vergar... tombarei!

Gigante da soledade
Têho na vida um consolo :
Se enterro as plantas no solo,
Chego a fronte á immensidade!

Nada a meu fado se prende,
Nada enxergo junto a mim;
Só o deserto se estende
A meus pés, fiel mastim.

A' dôr o orgulho sagrado
Deos ligou n'um grande nó...
Quero viver isolado,
Quero viver sempre só!

E quando o raio incendiado
Roçar-me , então cahirei
Em meu orgulho envolvido,
Como em um manto de rei.

—

PROTESTOS

Esquecer-me de ti? Pobre insensata!
Posso acaso o fazer quando em minh' alma
A cada instante a tua se retrata?

Quando és de minha vida o louro e a palma
O pharo amigo que annuncia o porto,
A luz bemdita que a tormenta acalma?

Quando na angustia funebre do horto
És a socia fiel que asinha instilla
Na taça da amargura algum conforto?

Esquecer-me de ti, pomba tranquilla,
Em cujo peito, erario de esperança,
Entre promessas meu porvir se asyla!

Esquecer-me de ti, fragil criança!
Ave medrosa que esvoaça e chora
Temendo o raio em dias de bonança!

Bane o pezar que a fronte te descora,
Secca as inuteis lagrimas no rosto,
Que pois receias se inda brilha a aurora?

Ermo arvoredado aos temporaes exposto
Tudo póde alluir, tudo apagar
Em minha vida a sombra do desgosto;

Ah ! mas nunca teu nome ha de riscar
De um coração que te idolatra , emquanto
Uma gotta de sangue lhe restar !

É teu, e sempre teu, meu triste canto,
De ti rebenta a inspiração que tenho,
Sem ti me afogo n'um continuo pranto ;

Teu riso alenta meu cansado engenho ,
E ao meigo auxilio de teus doces braços
Carrego aos hombros o funesto lenho.

De mais a mais se apertão nossos laços,
A ausencia... oh ! que me importa , estás presente
Em toda a parte onde dirijo os passos.

Na briza da manhã que mollemente
Junca de flôres do deserto as trilhas
Ouço-te a falla tremula e plangente.

Do céo carmineo nas douradas ilhas,
Vejo-te ao pôr do sol a grata imagem
Cercada de esplendor e maravilhas.

Da luz, do mar, da nevoa e da folhagem,
Uma outra tu mesma eu hei formado,
Outra que és tu, não pallida miragem.

E colloquei-te n'um altar sagrado
No templo immenso que elevou talvez,
Meu genio pelos anjos inspirado!

Não posso te esquecer, tu bem o vês!
Abre-me d'alma o livro tão vendado,
Vê se te adoro ou não, porque descrês?

DESEJO

Quando eu morrer adornem-me de flôres,
Descubram-me das vendas do mysterio,
E ao som dos versos que compuz carreguem
Meu dourado caixão ao cemiterio.

Abrão-me um fosso no lugar mais fresco,
Cantem ainda, e deixem-me cantando;
Talvez assim a terra se converta
De suave dormir n'um leito brando.

Em poucos mezes far-me-hei poeira,
Porém que importa, se mais pura e bella,
Minh' alma livre dormirá sorrindo
Talvez nos raios de encantada estrella.

E lá de cima velarei teu somno,
E lá de cima esperarei por ti,
Pallida imagem que do exilio escuro
Nas tristes horas de pezar sorri!

Ah! e comtudo se deixando o globo
Ave ditosa eu não partisse só,
Se ao mesmo sopro conduzisse unidas
Nossas essencias n'um estreito nó !...

Se junto ao leito das finaes angustias,
Da morte fria ao bafejar gelado
Eú te sentisse junto a mim dizendo :
São horas de marchar, eis-me a teu lado.

Como eu me erguera resoluto e firme!
Como eu seguira teu voar bemdito!
Como espancara co' as possantes azas
O torvo espaço em busca do infinito!



DESENGAÑO

Oh ! não me falles da gloria ,
Não me falles da esperança ,
E bem sei que são mentiras
Que se dissipão , criança !
Assim como a luz profliga
As sombras da immensidade ,
O tempo desfaz em cinzas
Os sonhos da mocidade.

Tudo descora e se apaga,
É esta do mundo a lei,
Desde a choça do mendigo
Até os paços do rei!
A poesia é um sopro,
A sciencia uma illusão,
Ambas tactêão nas trevas
A luz procurando em vão.
Caminhão doudas, sem rumo,
Na senda que á dôr conduz,
E vão cahir soluçando
Aos pés de sangrenta cruz.
Oh! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança,
Eu bem sei que são mentiras,
Que se dissipão, criança!
Que me importa um nome impresso
No templo da humanidade,
E as corôas de poeta,
E o sello da eternidade?
Se para escrever os cantos
Que a multidão admira,

É mister quebrar as pennas
De minh' alma que suspira !
Se nos desertos da vida,
Romeiro da maldição,
Tenho de andar sem descanso
Como o Hebrêo da tradição !...
Buscar das selvas o abrigo,
A sombra que a paz aninha,
E ouvir a selva bradar-me :
Ergue-te, doudo, e caminha !
Caminha ! — dizer-me o monte.
Caminha ! — dizer-me o prado.
Oh ! mais não posso ! — Caminha !
Responder-me o descampado !
Ah ! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança,
Eu bem sei que são mentiras
Que se dissipão, criança !

REFLEXÕES DA MEIA-NOITE

TRADUCÇÃO DE UMA POESIA DE M. AUBERTIN,
OFFERECIDA AO AUTOR.

No céo da meia-noite a lua se equilibra ,
As praças estão mudas e os homens repousando;
Mas ai! sob este encanto da abobada cerulea
Que multidão de seres não vela soluçando !

A' calma semelhante, a dôr é queda e funda.
Seus intimos gemidos quem poderá contar?...
A tempestade foge , mais infeliz, da nuvem
Que a lagrima secreta desprende em seu passar!

Tão dolorida e triste que espera as horas mortas
Para afogar seu brilho no palleo tenebroso ,
Tão surda que ao rolar nas faces desbotadas
Talvez nem a presinta o misero inditoso.

Ha um pezar ainda mais barbaro e cruento!
É esse que enregela as lagrimas nos olhos!
E queima a gotta fulgida que a madre natureza
Verteu como um consolo, da vida entre os abrolhos!

E' quando tudo dorme que este pezar desperta!
Oh! quanto desgraçado não curva-se á pressão
Do rabido tyranno do seio que padece
E a vida amaldiçôa, e a morte chama em vão!

Meu Deos! se isto é assim, bem dita a voz amiga
Que a seu exhausto ouvido 'disse brandamente :
Miserrimo! se a dôr magôa-vos a essencia,
Mirai o céu da noite tão placido e fulgente!

Porém se obstinado, com gelido desprezo,
Tenaz em refazer-se da desventura infinda,
Olhasse com sarcasmo o divinal aviso,
Oh! mais suave e meiga dissesse a voz ainda :

Podeis pensar acaso que a lua peregrine
Nos paramos sidereos tão cheia de fulgor,
Se aqui sobre este mundo, ao lado da tristeza,
Não mais restasse um viso de tanta paz e amor?

Emquanto ao firmamento a côr azul fôr propria
As trevas passarão e a chuva ha de cessar,
E junto do infeliz a magica esperanza
Os sonhos que morrêrão virá resuscitar.

Comtudo o céo mais puro parece opaco e negro
A quem foge da luz obstinado e cego;
A' vista firme e clara esvaem-se os negrumes
Que turbão da existencia a calma e o socego.

Trará consolo a lua , o sol calor e vida,
E a humana creatura, ligada a seu penar,
Se quedará tristonha quando a esperança vela
Nas sombras d'este mundo, archanjo tutelar?

Vossa alma é livre agora, despedaçai os ferros
Que os entes escravisão n'um padecer insano;
Mirai o céo azul, sede robusto e forte,
Além do desespero não ha peor tyranno !

O desespero o que é? — Palavra estulta e louca!
O coração só vive ás luzes da esperança,
Scentelha ora indecisa , ora formosa e viva,
Que nunca desfallece, nem de brilhar se cansa.

A's vezes, por mais bello que o dia resplandeça ,
Lá surge um ponto negro que avulta n'ampidão ,
Assim tambem no meio dos gozos e venturas
O dissabor se mostra e pede seu quinhão.

Ao dia segue a noite, mas esta se esvaece ,
E o globo aviventando desponta um novo dia,
E os corações, que ha pouco pulsavão tristemente,
Dilatão-se inundados de amor e de alegria.

Erguei acima os olhos, que linda vai a noite !
Quão doce é seu aspecto e seu respiro ameno !
E vós pensais achar, sombrio e taciturno,
Seu manto conspurcado da morte no veneno !

Assim ao desditoso pudera, no silencio
Celeste, occulta voz baixinho murmurar ;
São estas as verdades que a sã philosophia
Às lagrimas inuteis devêra aconselhar.

Mas ai! a cada passo a vida nos demonstra,
Embora da esperança scintille a chamma pura,
Que ha dôres tão profundas, pezares tão rebeldes,
Assim como ha molestias mortíferas, sem cura!

LIVRO TERCEIRO

•

MELODIAS DO ESTIO

MELODIAS DO ESTIO

ASPIRAÇÕES

Meu Deus! já que não posso no meio das florestas
Ouvir da natureza as mais soberbas festas;
Já que não posso errante no esplendido oceano
Sorver a longos tragos teu bafo soberano;

Quero escutar nas praças, ao vento das paixões,
Erguer-se retumbante a voz das multidões!
Quero sentir, Senhor, que o fogo de teu genio'
Abrasa-lhes as fibras do mundo no proscenio,
E sabem responder do despota á vontade :
— Aqui finda teu mando e surge a liberdade !

Aos mares e aos desertos, aos povos e ás feras
Dêste uma lei sómente nas primitivas éras.
O Genesis dos orbes teve por lettra prima
O emblema da igualdade que a independencia arrima.
A luz sacode as sombras e abraça a immensidade,
Os escarcéos resistem ao horror da tempestade;
Mas ai! Senhor, os homens na mais formosa plaga,
Parece que affeição-se ao jugo que os esmaga!
Quando ouvirei nas praças, ao vento das paixões
Erguer-se retumbante a voz das multidões.

Espanta-me a tormenta que as arvores derriba,
Mas o tufão que passa e a cerração fustiga,

É util e propicio , porque descobre os montes
E deixa que eu contemple os vastos horizontes
Onde o clarão suave de um sol brilhante e puro
Ostenta-se formoso a imagem do futuro !...
A raça entorpecida á sombra se acostuma
E nada enxerga além da condensada bruma !...
Venha o tufão bemdito , e ao vento das paixões
Quero escutar nas praças a voz das multidões !

A escravidão não cinge-se unicamente aos ferros !...
Ha uma inda mais negra , a escravidão dos erros !
Para privar-se ao pobre que seu caminho veja
Oh ! não , não é preciso que elle atulhado seja ,
Basta roubar-lhe a luz , e o misero nas sombras ,
Se atirará da margem nas humidas alfombras !
Oh ! mão peor mil vezes !... trazei-lhe a claridade
Se o trilho está coberto , abre outro a liberdade !
Quando ouvirei nas praças ao vento das paixões
Erguer-se retumbante a voz das multidões ?

O OCEANO

Tu és a idéa mais soberba e vasta
Que do genio de Deos ha rebentado ,
Oh ! mar nunca vencido ! A Eternidade
Revela-se em teus brados furibundos
Quando alta noite as vagas se abalroão
Coroadas de electricas scentelhas ;
A Intelligencia soberana e excelsa
Ostenta-se em teu rosto á madrugada

Quando a essencia da luz profliga as sombras
E o globo inunda de esplendor e glorias...
Guarda o mysterio de teu seio augusto!
Não serei eu — miserrimo! — quem busque
Solevantar-lhe o véo! — Dentro em minh' alma
Na dôr que me consome te concebo,
Basta-me ver-te das espaduas amplas
Sacudir as armadas dos tyrannos,
Basta-me á noite p̄sentir-te ao longe
Atirando garboso ás nebulosas ·
Diademas de perolas nevadas,
Basta-me apenas contemplar-te, altivo,
Cuspindo aos homens que a teus pés rastejão
A fervida saliva do desprezo!

Quantos imperios celebrados, fortes,
Não florecêrão de teu throno ás bases,
Sublime potestade! E onde estão elles?
O que é feito da Grecia, Tyro e Roma,
Carthago a valerosa? As vagas tuas
Lambião-lhes os muros, quer nos tempos
De paz e de bonança, — quer na quadra

Em que chuvas de settas se cruzavão
A' face torva das hostis phalanges !
Tudo alluio-se, transformou-se em cinzas,
Sumio-se como os traços que o romeiro
Deixa da Nubia na revolta arêa !
Só tu, oh ! mar sem termos, immutavel
Como o quadrante lugubre do tempo,
Ruges, palpitas sem grilhões nem pês !
Nunca na face d'esse azul sombrio,
Onde tranquillias, ao soprar das brizas,
Poesias do céo, flôres do ether,
As estrellas se mirão namoradas,
Nunca o fogo e a lava, a guerra e a morte,
As frotas dos tyrannos hão deixado
Um vestigio sequer de seus ultrages !
Tal como á tarde do primeiro dia
Que o espaço desflorou, hoje te ostentas
Na tua magestade horrenda e bella !

Espelho glorioso onde entre fogos
Se mira omnipotente, nas tormentas,
A face do Senhor ! Monstro atrevido

Cujas garras de bronze o globo abração ,
Até que um dia — quem o sabe! — exausto
Lance o alento final !... ai! no teu seio
Talvez tremendo espirito se agite ,
Mixto ignoto de paixões sem freios ,
Cuja expressão vislumbra-te nas faces,
Ora hediondas de compressos musculos ,
Ora doridas como a virgem morta
Na flôr da juventude , ora risonhas
Como a loura criança que repousa
Sobre o collo materno adormecida !

Niobe eterna! de teu ventre tumido
Os gigantes do abysmo apparecêrão ,
Em cujo dorso de argentadas conchas
Os raios das estrellas resvalavão.
De teu lodo fecundo, inextinguivel,
Brotárão continentes, cujas grimpas
Ião bater na abobada cerulea;
Teus paços de coral e de esmeraldas
Encerravão princezas vaporosas,
Louras ondinas, encantados genios,

Soberbas divindades ! Entretanto
Viste tudo passar ! Perdeu-se a Atlantida ,
Sumirão-se na sombra os bronzeos deoses ,
E nem restou-te aquella que nascida
De teus flocos de espuma , deslumbrára
O Olympto e a terra com seus olhos langues !

Oceano sem fundo ! Antros sem nome !
Moradas da poesia e da tristeza !
Emblema do infinito... ai ! desde a infancia
Preso na teia de attracção divina ,
Eu vos busquei sedento ! Sobre as praias
Curva como os alfanges dos Mouriscos
Eu me perdia nos dourados dias ,
Na santa primavera , ouvindo os rinchos
Dos marinhos corseis , molhando as plantas
Na gaza salitrosa que envolvia
A arêa scintillante ! Horas e horas
Passava no fastigio dos rochedos ,
Fitos os olhos na planicie immensa ,
Como tentando comprehender a historia
D'esse elemento indomito e terrivel !.

Amo-te ainda, oh! mar! amo-te muito!
Mas não tranquillo humedecendo a prôa
Da gondola lasciva, nem chorando
Aos olhares da lua! Amo-te ousado,
Violento, estrondoso, repellindo
Os vendavaes que roção-te nas crinas;
Quebrando a aza de fogo que das nuvens
Procura te domar; batendo a terra
Com teus flancos robustos; levantando
Triumphante e feroz no tredo espaço
A cabeça vendada de ardentias!
Amo-te assim, oh! mar! porque minh' alma
Vê-te immenso e potente, desdenhoso
As humanas cobiças derribando!
Amo-te assim; ditoso no teu seio,
Zombo do mundo que meu ser esmaga,
Sou livre como as ondas que me cercão,
E só á tempestade e a Deos me curvo!

EM TODA A PARTE

Quando alta noite as florestas
Ao soprar das ventanias
Tenebrosas agonias
Trahem nas vozes funestas ;
Quando as torrentes bravejão,
Quando os coriscos rastejão
Na espuma dos escarcéos ,
Então a passos incertos

Procuro os amplos desertos
Para escutar-te, meu Deos !
Quando na face dos mares
Espelha-se o rei dos astros,
Cobrindo de ardentes rastros
Os ceruleos alcaçares ;
E a luz domina os espaços
Partindo da nevoa os laços,
Rasgando da sombra os véos,
Então resolutó, ufano,
Corro ás praias do oceano
Para mirar-te, meu Deos !
Quando ás bagagens do estio
Tremem os pomos dourados,
Sobre os galhos pendurados
Do pomar fresco e sombrio ;
Quando á flôr d'agua os peixinhos
Saltitão, e os passarinhos
Se cruzão no azul dos céos,
Então procuro as savanas,
Me atiro entre as verdes cannas
Para sentir-te, meu Deos !

Quando a tristeza desdobra
Seu manto escuro em minh' alma,
E vejo que nem a calma
Desfructo, que aos outros sobra;
E do passado no templo,
Letra por letra contemplo
A nenia dos sonhos meus,
Então me afundo na essencia
De minha propria existencia
Para entender-te, meu Deos!

A UM ENGEITADO

Como a semente cahida
Sobre um ingrato terreno,
Nasci ;
E pobre planta esquecida,
Sem virações, sem sereno
Cresci !

O meu primeiro momento
Foi um momento maldito,
 Bem sei;
Filho do vicio cruento,
Sempre a nodoa de prescito
 Terei!

De um porvir almo e dourado
Aquece as humanas fronte,
 A luz;
Mas triste ser malfadado,
Só vejo nos horizontes
 A Cruz!

NO ERMO

Salve ! erguidas cordilheiras ,
Brenhas, rochas altaneiras ,
D'onde as alvas cachoeiras
Se arrojjão troando os ares !
Folhas que rangem cahindo ,
Féras que passam rugindo ,
Genios que dormem sorrindo
No fresco chão dos palmares !

Salve! florestas sombrias ,
Onde as rijas ventanias
Acordão mil harmonias
Nã doce quadra estival!
Rôlas gentis que suspirão ,
Louras abelhas que gyrão
Sobre as flôres que transpirão
No seio do taquaral!

•

Salve! esplendiða espessura ,
Mares de sombra e verdura
D'onde a briza etherea e pura
Faz brotar a inspiração ,
Quando á luz dos vagalumes ,
Da mariposa aos cardumes
Se casão molles queixumes
Dos filhos da solidão!

Ah! que eu não possa me afastar das turbas,
Curar a febre que meu ser consome,
E entre alegrias me atirar cantando
Nas seccas folhas do sertão sem nome

Ah! que eu não possa desprender aos ermos
O fogo ardente que meu craneo encerra,
Gastar os dias entre Deos e os genios
Nas mattas virgens da Cabralia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida;
Nem do despeito me remorde a chaga,
Mas ai! sou pobre, pequenino e debil,
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgão-me o seio prematuras dôres,
E á mágoa insana que me enluta as noites
Declino á campa na estação das flôres!

E ha tanto encanto nos desertos vastos,
Tanta belleza do sertão na sombra,
Tanta harmonia no correr do rio,
Tanta doçura na campestre alfombra,

Que inda pudera se alentar de novo
E entre delicias fluctuar minh' alma,
Fanada planta que mendiga apenas
O orvalho, a noite, a viração e a calma!

Abre-me os braços, ó fada,
Fada do ermo profundo,
Onde o bulicio do mundo
Não ousa sequer bater!
Oh! quero tudo esquecer,
Tudo o que aos homens seduz.
Beber uma nova vida
E a fronte elevar unvida
De santas crenças á luz!
Gloria, futuro... o que valem
Futuro e glorias de pó,

Sem gratos sonhos que embalem
O triste descrido e só?
De que serve o ouro, a fama,
Um nome, — pallida chamma —
Quando á noite junto á cama
Só ha martyrios e dôres?
Quando a aurora é sem bellezas,
Cheias de espinho as devezas,
E á tarde só tem tristezas
Em vez de cantos e flôres!

VOZES NO AR

•

Basta de luz, Senhor! Senhor, basta de afagos!
Minhas retinas frageis se cansão de esplendores!
E o fogo que me assopras sobre as espaldas nuas
Desperta-me nas veias freneticos ardores!

Ah! sou tão nova ainda que sinto-me exaltada
Das selvas verde-escuras ao caloroso effluvio,
E busco envergonhada nas solidões sem termos
Meu manto inda molhado das aguas do diluvio.

Tenho no seio a vida e a liberdade n'alma ;
Aponta-me o caminho por onde devo andar;
Irei onde os condores seus ninhos pendurarão?
Ou bem onde desdobra seus vagalhões o mar?

Nas aguas do Amazonas mirei meu rosto altivo,
No Prata transparente banhei meus lindos pés;
Ungi os meus cabellos do aroma da baunilha,
Das palmas do coqueiro cobri minha nudez.

Tenho cascatas de ouro, abysmos de diamantes,
Riquezas para um mundo se me aprouver comprar
Mas sinto-me indecisa, quero avançar, vacillo,
Oh! mostra-me o caminho por onde devo andar!

COLMAL

PARAPHRASE OSSIANICA

Como é sentido o canto que murmuras,
Ó genio dos rochedos solitarios!
Assemelha-se á queixa dos arroios
Entre a relva macia e vigorosa
Dos valles florecidos. Muitas vezes
No silencio da noite hei despertado

Procurando nas sombras, como outr'ora
Da mocidade nos risonhos dias,
Minha lança esquecida; e no entanto
Sinto meu braço recahir sem força,
E choro amargamente a sós comigo.
Recusarás acaso, ó grato genio,
Prestar ouvido aos canticos de Ossian?
A inspiração rebenta-me na fronte
Á lembrança das glorias do passado;
Minh' alma se illumina, e mais formosos
Brotão os sonhos da primeira idade,
Como as flôres do campo á luz d'aurora
Quando foge a tormenta, e á noite escura
Corre aos raios do sol que o espaço inundão!

Não vês suspenso á cabeceira de Ossian
Aquelle antigo escudo? seus relevos
Estão gastos á força de combates,
Seu brilho está perdido, e no entanto
É o escudo do celebre Duntalmo.
Ó genio dos rochedos solitarios!

Escuta a voz prophetica dos tempos!
Era Ramor de Clutha illustre chefe.
Em seu palacio o fraco descansava
Sem receio dos fortes; o estrangeiro
Jámais achou fechada a vasta porta
D'essa morada hospitaleira e rica.
Um dia appareceu Duntalmo o féro
E convidou Ramor para o combate;
O guerreiro aceitou, porém na luta
Duntalmo foi vencido. Dominado
Por um odio fatal, passados tempos
Voltou Duntalmo, e collocado á frente
De numerosa tropa, ás horas mortas
Assassinou Ramor em seu palacio.



Filhos do morto, na mais tenra idade,
Colmar e Calthon descuidosos entrão
Na triste habitação, e contemplando
Sobre a terra atirado, envolto em sangue,
O cadaver paterno, as fronte unem,
E seus prantos confundem abraçados.

Às lagrimas doridas que derramão,
Aos suspiros sentidos que desprendem,
O coração cruento de Duntalmo
Abranda-se e commove-se; de prompto
Manda levar as miseras crianças
A seu palacio esplendido de Alteutha.

Sob o tecto opulento do inimigo
Os filhos de Ramor forão crescendo;
Já na presença do feroz guerreiro
Entesavão seus arcos; junto d'elle
Já combatião destemidos, fortes.

Virão cobertos de espinhosas plantas
Da morada paterna os altos muros;
E junto da lareira o verde limo
Sob as azas de funebre silencio,
Estender-se e ganhar os aposentos;
E chorarão sózinhos nas montanhas,
E o pezar que sentião transudava

Das faces juvenis. Duntalmo em breve
Percebeu-lhes a dôr, e receiando
Que elles a morte de seu pai vingassem,
Os prendeu em dous antros pavorosos
Do Teutha escuro nas desertas margens.

Jámais a luz do sol transposto havia
D'estas cavernas humidas as bordas,
Jámais da lua os somnolentos raios
Tinhão beijado os funebres recantos
D'estas negras prisões onde os mancebos
Entre sombras espessas soluçavão.

A filha de Duntalmo, airosa e linda,
Virgem de olhos azues, louros cabellos,
Chorava no silencio, a desventura
De Calthon que prendêra-lhe a vontade
Do ardente amor nos laços feiticeiros.
Uma noite ella ergueu-se resoluta
A formosa Colmal, reveste de aço

Seu corpo seductor, agarra a espada
Que a defunto guerreiro pertencêra ,
E transpondo a prisão do desditoso
Quebra-lhe os ferros, mostra-lhe a passagem.

— Oh ! filho de Ramor, a noite é negra ,
Levanta-te e caminha ! O rei de Selma
Asylo nos dará ; meu pai outr'ora
Na casa de teu pai asylo achára.
Vem pois comigo, de Langal sou filho.

E Calthon diz a medo : — Oh ! voz suave
D'onde vens tu ? Do cimo dos outeiros,
Ou do seio das nuvens encantadas ?
Muitas vezes sonhando enxergo as sombras
Queridas de meus pais entre as profundas
Trevas espessas que meu corpo envolvem !
Serás o filho de Langal ? Outr'ora
No palacio de Clutha eu vi sentado
Esse illustre guerreiro !... Tu me chamas,

Oh ! mas não posso abandonar nos ferros
Meu irmão infeliz, seria infame !
Dá-me uma lança , voarei de prompto ,
Partirei seus grilhões e iremos juntos.

— Guerreiros mil, responde-lhe a donzella,
Guardão Colmar. Que poderás sózinho
Contra força tão grande? Vem; fujamos,
Corramos a Morvem, seu rei piedoso
De teus males ouvindo a triste historia
Virá salvar Colmar. Da noite as sombras
Aos poucos vão fugindo, e na planicie
Verá Duntalmo de teus pés os traços,
E morrerás na flôr da juventude.
Vem, não receies, inda é tempo. — O moço
Suspirando levanta-se; á lembrança
Do irmão infeliz, rios de pranto
Escapão-lhe dos olhos. O caminho
Que vai dar a Morvem ligeiros trilhão.
O capacete escuro a face occulta
Da formosa Colmal; seu branco seio

O ar da noite a longos tragos bebe
Sob a lisa armadura que o comprime.

No palacio de Selma, entrando á volta
Da caça turbulenta, os dous mancebos
Fingal encontra; as desventuras ouve
Que o filho de Ramor lhe conta, e volve
Seus olhares á tropa que o circumda.
Mil guerreiros levantão-se e reclamão
A honra de levar a guerra a Teutha.

E tambem eu parti. Sobre a planicie
Nossos bravos marchavão semelhantes
Ás vagas do Oceano : os dous mancebos
Ião perto de mim. Logo Duntalmo
Nossa chegada prevenindo ajunta
No topo da collina os seus guerreiros.

A torrente de Teutha bravejava
Orgulhosa a seus pés. Um bardo envio

A convidar Duntalmo para a luta
No meio da planície : um rir de mofa
Foi a resposta do soberbo chefe.
O turbilhão de seus guerreiros move-se
No topo da collina , semelhante
À nuvem negra que o tufão sacode
E desdobra no céu. Duntalmo ordena
Que o misero Colmar trazido seja
À margem da torrente , e enfurecido
Embebe-lhe no seio a ferrea lança.
O desditoso cahe , rola por terra
Torcendo-se no sangue. Hallucinado
Calthon se arroja da torrente ao meio ;
Eu vibro a minha espada , e ao lado opposto
Atiro-me das aguas. O inimigo
De mais a mais fraquêa a nossos golpes ,
Mas a noite destende sobre a terra
Seu manto tenebroso e nos separa.

Duntalmo se retira para o centro
De uma antiga floresta , aceso em raiva

Contra o mancebo cujo ardor guerreiro
Não pudera extinguir. Calthon sentado
À sombra de um pinheiro, pranteava
Seu irmão infeliz tão cedo morto.
Vai alta noite, as sombras e o silencio
Estendem-se no plaino; os combatentes
Mal resistem ao somno; mas ainda
Aos ouvidos de Calthon rumoreja
A torrente de Teutha, e a triste sombra
Do misero Colmar ante seus olhos
Levanta-se funerea, ensanguentada,
E com sinistra voz assim lhe falla :
« Ergue-te, Calthon, antes que a alvorada
Appareça no céo, vinga a desgraça
De teu pobre Colmar! Duntalmo o féro
Irá seus restos insultar nas trevas!»

Assim dizendo a sombra se esvaece.

A taes palavras Calthon se levanta
E parte como um raio; ignota chamma

Incende-lhe os olhares; a tormenta
Convulsa-lhe no seio. Os inimigos
Estremecem de horror, porém passados
Os primeiros instantes, se condensão,
Apertão-se ao redor do combatente,
Prendem-no em breve e levão-no á presença
Do cruento Duntalmo. Alegres brados
Elevão-se nos ares, as cóllinas
Repetem-nos da noite no silencio.

Despertei assustado a taes rumores.
Tomo da lança que a meu lado estava,
Chamo os guerreiros. Mais funesto e horrivel
Que a propria morte, meu valor se torna!

Não era assim que outr'ora se batião,
Oh! filhos de Morvem, nossos maiores!
Quando de volta Fingal divisar-nos
Sem ter vencido os féros inimigos,
Que lhe diremos nós? Eia, guerreiros!
Preparai vossas armas e segui-me!

Sobre as ondas do Teutha a madrugada
Começava a lançar seus brandos lumes.
Colmal acompanhava-nos chorando,
Das mãos imbelles lhe escapou trez vezes
A lança que levava. Esta fraqueza
Incitou minha colera : «Mancebo
Covarde e pusillanime, lhe eu disse,
Por acaso os guerreiros d'esta terra
Combatem soluçando? Segue as corças,
E os rebanhos que pascem junto ao Teutha,
E deixa as armas, deixa-as aos valentes !»

Assim dizendo arranco-lhe do corpo
A lustrosa armadura, e um branco seio,
Um seio de mulher, alvo e formoso,
Descoberto apparece! A minha lança
Escapa-me das mãos, abaixo a frente,
E desprendo um suspiro amargurado.

Tudo entendi! O grito do combate
Soltei de novo!... Ó genio dos rochedos,

Ó genio dos rochedos solitarios !
Porque do velho bardo a voz já rouca
Treme de relatar como morrêrão
Os guerreiros de Teutha? Hoje repousão
Em seus proprios paizes olvidados ,
E o viajante buscaria embalde
Seus tumulos nas sarças escondidos !
Apenas o lugar onde Duntalmo
Cahio aos golpes de Ossian , e o jazigo
Onde o somno sem fim ha muito dorme ,
Aos fulgores da lua inda branquêão !
Tudo mais a tormenta ha dissipado !

Preso ao tronco rugoso de um carvalho
Calthon achei, cortei-lhe as duras cordas
E da bella Colmal nos lindos braços
Atirou-se feliz. Junto de Teutha
Uma rica morada levantárão,
E Ossian, radiante da victoria,
Ás terras de Morvem voltou de novo.

IRA DE SAUL

FRAGMENTO

A noite desce. Os furacões de Assur
Passão dobrando os galhos á videira,
Todos os plainos de Salisa e Sur
Perdem-se ao longe em nuvens de poeira.

Minh'alma se exacerba. O fel d'Arabia
Coalha-se todo n'este peito agora.
Oh! nenhum mago da Chaldéa sabia
A dôr abrandará que me devora!

Nenhum! — Não vem da terra, não tem nome,
Só eu conheço tão profundo mal,
Que lavra como a çhamma e que consome
A alma e o corpo no calor fatal!

Maldição! Maldição! Eil-o que vem!
Oh! mais não posso! A ira me quebranta!...
Toma tu' harpa, filho de Belem,
Toma tu' harpa sonora e canta!

Canta, louro mancebo! O som que acordas
É doce como as auras do Cedron,
Lembra-me o arroio de florentes bordas
Junto á minha romeira de Magron.

Lembra-me a vista do Carmelo , — as tendas
Branças sobre as encostas de Ephraim ,
E pouco a pouco apagam-se as tremendas
Furias do genio que me opprime assim !

VERSOS SOLTOS

AO GENERAL JUAREZ

Juarez! Juarez! Quando as idades ,
Fachos de luz que a tyrannia espanção,
Passarem desvendando sobre a terra
As verdades que a sombra escurecia ;
Quando soar no firmamento esplendido
O julgamento eterno ;

Então banhado no prestígio santo
Das tradições que as epopéas creão,
Grande como um mysterio do passado,
Será teu nome a magica palavra
Que o mundo fallará lembrando as glorias

Da raça Mexicana!

Quem se atreve a medir-te face a face?
Quem teu vôo acompanha nas alturas,
Condor soberbo que da luz nas ondas
Sacode o orvalho das possantes azas,
E lança um grito de desprezo infindo

Aos milhafres rasteiros?

Que destemido caçador dos ermos
Irá te captivar, ave sublime,
N'essas costas bravias e tremendas,
Onde o Grande Oceano atira as vagas,
E os vendavaes sem pêas atordôão

O espaço de rugidos?

Que sicario real, nas mattas virgens
Amplas, sem marcos, sem baptismo e data,
Te apanhará, jaguar das soledades?...
Ah! tu espreitas os volcões que dormem!

Quando a cratera encher-se, á luz vermelha

Rebentará nas praças !...

Trarás comtigo os raios da tormenta !

Da tormenta serás o sopro ardente !

Mas a tormenta passará de novo

E o golfo Mexicano illuminado

Reflectirá teu vulto gigantesco,

Ó aguia do porvir !

•

Teu nome está gravado nos desertos

Onde pés de mortal jámais pisarão !

Quando pudessem deslembra-l-o os homens ,

As selvas despirião-se de folhas ,

Para arrojá-l-as do tufão nas azas

Ás multidões ingratas !

Como as de um livro immenso ellas compoem

Teu poema sublime; a pluma eterna

Do invisivel destino, e não rasteira ,

Misera penna de mundano bardo ,

N'ellas traçou as indeleveis cifras

De teu nome immortal !

Os pastores de Puebla e de Xalisco ,
As morenas donzellas de Bergara ,
Cantão teus feitos junto ao lar tranquillo
Nas noites perfumadas e risonhas
Da terra Americana. Os viajantes
Que os desertos percorrem, — pensativos
Parão no cimo das erguidas seřras,
Medem co' a vista o descampado immenso ,
E murmurão fitando os horizontes
Vastos, perdidos n'um lençol de nevas :
Juarez ! Juarez ! em toda a parte
Teu espirito vaga !...

Fallão de ti as fontes e as montanhas,
As hervinhas do campo e os passarinhos
Que abrindo as azas no azulado céu,
Como um bando de sonhos esvoação.
Mas esse nome que amenisa o canto
Do torvo montanhez, — e mais suave
Que um suspiro de amor, parte dos labios
Da virgem sonhadora das campinas ,

Faz tremer o tyranno que repousa
Nos macios coxins do leito de ouro,
Como o brado do archanjo no infinito
Ao fenecer dos mundos !

Deixa que as turbas do terror escravas
Junto de falso throno se ajoelhem !
Os brindes e os folguedos continuão,
Mas a mão invisivel do destino
Na sala do banquete austera escreve
O aresto irrevogavel !...

SETE DE SETEMBRO

Quando o genio de Deos em santo arrojo
Batendo as sombras atirou no espaço
A hyperbole da luz,
E á materia disforme que boiava
Sem destino e sem rumo, abriu a senda
Que á perfeição conduz;

Os cherubins caláráo-se escutando
A ode universal que retumbava
Aos pés do Creador ;
E a natureza virgem dilatou-se,
E os mundos abalarão-se rugindo :
Somos livres , Senhor !

As gerações erguêrão-se no tempo.
De cada idéa levantou-se um povo ,
De cada povo a lei.
As éras succedêrão-se confusas ;
Mas o canto divino orientava
Das multidões a grei.

E ora entre nevoas, ora entre fulgores,
Como a lua formosa em céu nublado,
A liberdade andava ,
E a cada passo a transfuga celeste
Um rasto immenso de grilhões partidos
Como o raio deixava!...

Mas tu, risonha plaga Americana,
Ilha de amor nos mares do mysterio,
Dormias a sorrir,
Tão linda como o cysne de alvas pennas,
Tão pura como a virgem balouçada
Nos sonhos do porvir!

Do vulto horrendo do voraz abutre
A sombra intensa não toldou-te as faces,
Nem manchou-te, é mentira!
Anjo de azas de luz! não foste escrava!
Criança! inda era cedo, o canto eterno
Dormia-te na lyra!

Dormia, mas o halito de Deos
Rugia-te nas fibras, inflammado
Como um volcão no mar!
As nações esperavão-te anciosas,
E no forum dos povos avultava
Vazio o teu lugar!

Appareceste emfim, mas não liberta,
Que nunca foste escrava, apenas debil,
Sem forças, vacillante;
Se assim não é, onde estarão teus ferros?
Onde o pó das prisões que derribaste?
Onde o jugo infamante?

É n'este altar de esplendido futuro,
Berço de outr'ora, throno do presente,
Que beijamos-te as plantas,
E ao perfume do incenso, ao som dos hymnos,
Adoramos em ti, da liberdade
As glorias sacrosantas.

Filha augusta de Deos! Rosa banhada
Da Redempção nas lagrimas ardentes!
Mãi das raças oppressas!
Pomba sagrada que rompendo as nuvens
Trazes ao lenho errante o verde ramo
Ungido de promessas;

Liberdade gentil, mil vezes salve!
Salve sem pêas devassando os ares,
 Espancando os bulções!
Salve nos paços de opulentos satrapas,
Salve na choça humilde do operario,
 Salve até nas prisões!

•

NOITE SAUDOSA

SERENATA

POSTA EM MUSICA PELO DISTINCTO COMPOSITOR ACAD
O SENHOR V. J. GOMES DA COSTA.

Ah ! como brilhas
No céo azul,
Dourando os serros,
Astro do Sul !

Quanta tristeza ,
Quanta saudade
No seio expandes
Da soledade !

Ah ! não, não fujas,
Não mais te escondás ,
Da nevoa errante
Nas brancas ondas !

Vê como as aves
Adormecidas
Soltão sonhando
Queixas sentidas.

Vê como as selvas ,
O prado, as flôres,
N'um só abraço
Tremem de amores.

Na sombra o rio
Chora e desmaia;
Mortas as vagas
Gemem na praia...

Ah ! fica, fica
No céu azul,
Não mais te afastes,
Astro do Sul !... •

A luz que vertes
Da patria falla,
E a dôr abranda
Que o seio rala !...

F I M.

INDICE

A MEU PAI	Pag. 5
PREFACIO	7

LIVRO PRIMEIRO.

JUVENILIA.

Canto 1. Lembras-te, Inah?.....	21
Canto 2. Era á tardinha.....	29
Canto 3. Tu és a aragem perdida.	35
Canto 4. Teus olhos são negros.....	39
Canto 5. Não vês quantos passarinhos.	41

	Pag.
Canto 6. És a sultana das brasileiras terras.....	43
Canto 7. Ah! quando face a face te contemplo.....	47
Canto 8. Saudades.....	51
Canto 9. Um dia o sol poente, etc..	57
Canto 10. A' luz d'aurora.....	59

LIVRO SEGUNDO.

LIVRO DAS SOMBRAS.

A.....	65
Scismas á noite.....	67
Sextilhas.....	71
Horas malditas.....	75
Cantico do Calvario.....	79
Madrugada á beira-mar.....	89
Sombras.....	93
A varzea.....	97
Queixas do poeta.....	103
Resignação.....	107
Protestos.....	111
Desejo.....	115
Desengano.....	119
Reflexões da meia-noite.....	123

LIVRO TERCEIRO.

MELODIAS DO ESTIO.

	Pag
Aspirações.....	133
O Oceano.....	137
Em toda a parte.....	143
•A um engeitado.....	147
No ermo.....	149
Vozes no ar.....	155
Colmal.....	157
Ira de Saül.....	171
Versos soltos.....	175
Sete de Setembro.....	181
Noite saudosa.....	187

(a Juarez)

FIM DO INDICE.

LIVRARIA

GARRAUX, DE LAILHACAR E C^{IA},
SÃO PAULO.

Extracto do Catalogo geral.

POESIAS. POETAS NACIONAES E ESTRANGEIROS.

Amorim (Francisco Gomes de). Cantos matutinos. 1 vol. encadernado. 4,8000

Assumpção (a), poema composto em honra da Santa Virgem, por Fr. *Francisco de S. Carlos*; nova edição precedida da biographia do autor e de um juizo critico sobre a obra pelo conego *Dr. J. C. Fernandes Pinheiro*. 1 vol. in-8° encadernado. 3,8000

Cada vez mais raro tornando-se o mui celebre poema de Fr. Francisco de S. Carlos, entendêmos que prestaríamos verdadeiro serviço ao publico se dessemos d'elle nova edição. Desejando porém que expurgada de erros sahisse ella, e ao mesmo tempo fosse enriquecida de algum trabalho prévio congruente ao merito do autor e da sua obra, dirigimo-nos ao Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, que obsequiosamente prestou-se ao nosso anhelos, corrigindo o exemplar que lhe demos, e escrevendo, para serem collocados em frente da nova edição, um bellissimo estudo biogra-

phico sobre o seraphico poeta, assim como uma judiciosa e imparcial apreciação do poema. Assim melhorada, pensamos que mais digna do favor publico se tornará a obra.

A mesma obra, encadernação dourada.	4,8000
Burros (os) ou o Reinado da sandice, poema heroico-comico-satirico, por <i>José Agostinho de Macedo</i> . 1 vol. encadernado.	1,8000
Cancioneiro de <i>João de Lemos</i> . 1º vol., Flôres e amores; 2º dito, Religião e Patria. 2 vols. in-8º.	6,8000
Canticos funebres , por <i>D. J. G. de Magalhães</i> . 1 vol. in-4º encadernado.	6,8000
A mesma obra ricamente encadernada.	7,8000
Cantos . Collecção de poesias de <i>A. Gonçalves Dias</i> . 1 vol. in-8º ricamente encadernado e dourado.	6,8000
Cantos e phantasias , por <i>Luiz Nicoláo Fagundes Varella</i> . 1 lindo vol. in-4º, encadernado.	5,8000
A mesma obra in-8º, rica encadernação.	4,8000

Este volume, composto das mais bonitas poesias do muito conhecido e muito apreciado autor das VOZES DA AMERICA, contém tres livros comprehendendo as poesias seguintes :

LIVRO PRIMEIRO.

JUVENILIA.

Canto	1º. Lembras-te, Inah ?
)	2º. Era á tardinha.
»	3º. Tu és a aragem perdida.
»	4º. Teus olhos são negros.
»	5º. Não vês quantos passarinhos.
»	6º. És a sultana das brasileas terras.
)	7º. Ah ! quando face a face te contemplo.
»	8º. Saudades.
»	9º. Um dia o sol poente.
»	10º. A' luz d'aurora.

LIVRO SEGUNDO.

LIVRO DAS SOMBRAS.

A... — Scismas á noite — Sextilhas — Horas malditas —
Cantico do Calvario — Madrugada á beira-mar — Sombras
— A varzea — Queixas do poeta — Resignação — Pro-
testos — Derejo — Desengano — Reflexões da meia-noite.

• LIVRO TERCEIRO.

•
MELODIAS DO ESTIO.
•

Aspirações — O Oceano — Em toda a parte — A um engei-
tado — No ermo — Vozes no ar — Colmal — Ira de Saül
— Versos soltos — Sete de Setembro — Noite saudosa.

A presente collecção de versos que o publico vai ler, pertence a um poeta, moço, criança ainda, em quem fôra talvez permitido entrever apenas uma esperança, e que no entanto é já uma esplendida *realidade* na litteratura do paiz.

Forão esses homens, homens-oceanos, na expressão de Victor Hugo, os que lhe têm derramado na fronte a flux das inspirações, e baptisáráo-o POETA!

A mocidade das academias reconheceu-o como tal, e o paiz inteiro ha de em breve repetir o seu nome, ha de inscrevê-lo no livro de ouro das suas glorias.

(Extracto do Prefacio por J. F. de Menezes.)

Caramuru. Poema epico do descobrimento da Bahia, por
José de Santa Rita Durão. 1 vol. in-8° encadernado. 2,500

Cartas de Echo e Narciso, dedicadas á mocidade academi-
ca da universidade de Coimbra, seguidas de differentes
peças, relativas ao mesmo objecto, por *Antonio Feliciano
de Castilho*. 1 vol. in-8° encadernado. 2,500

Castilho (Antonio Feliciano de). Amor e melancolia ou a
novissima Heloisa. 1 vol. in-4°. 4,500

Castilho (Antonio Feliciano de). As metamorphoses de Ovidio ; poema em 15 livros, vertido em portuguez.

Chrysalides. Poesias por *Machado de Assis*, com um prefacio do Dr. Caetano Filgueiras. 1 vol. in-8º broch. 2,5000
Encadernado. 3,5000

D. Jayme. Poema por *Thomaz Ribeiro*, cum uma conversação preambular pelo Sr. *A. Feliciano de Castilho*. 1 vol. in-4º encadernado. 4,5000

D. Jayme ou a dominação de Castella, poema por *Thomaz Ribeiro*, com uma conversação preambular pelo Sr. *A. F. de Castilho*. 1 vol. in-4º broch. 4,5000

Diccionario do bom gosto ou a genuina linguagem das flôres em versos rimados. 1 vol. 2,5000

Diccionario poetico, para uso dos que principião a exercitar-se na poesia portugueza ; obra igualmente util ao orador principiante, por *Candido Lusitano*. 1 vol. in-4º. 6,5000

Dôres e flôres, poesias de *Augusto Emilio Zaluar*. 1 vol. in-4º. 3,5000

Epicos Brasileiros, contendo o Uruguay por *José Basilio da Gama*, o Caramurú por Fr. *José de S. Rita Durão*. 1 vol. in-8º encadernado. 2,5000

Flôres e fructos, poesias de *Bruno Seabra*. 2,5000

Esta linda e variada collecção de poesias confirmou plenamente o lisongeiro juizo que o publico já formava do talento poetico de Bruno Seabra. «Uma prova irresistivel do merecimento d'este volume de poesias (palavras de um juiz a toda a prova competente) é que ainda não houve quem encetasse a leitura d'elle e que a deixasse em meio.»

Todos têm lido as manifestações de apreço com que foi recebido o livro do joven e distincto Paraense ; pois bem, junte o publico a essas manifestações a seguinte nõvidade : que no Rio de Janeiro, onde os livros geralmente envelhecem nas livrarias, têm tido as poesias de Bruno Seabra um grande successo.

Flôres entre espinhos. Contos poeticos por *J. Norberto de S. S.* 1 vol. in-8º. 2,5000

Flôres sem cheiro. Poesias de *José Ignacio Gomes Ferreira de Menezes*. 1 vol. in-4° encadernado. 4,8000

Flôres silvestres, poesias, por *F. L. Bittencourt Sampaio*. 1 vol. in-8° broch. 2,8000

Encadernado. 2,8500

Um dos mais aproveitados e esperançosos discipulos da nova escola brasilica, um dos que melhor sabem extrahir do alarido romantico melodiosos sons, um dos mais estrenuos campeões da nacionalidade da litteratura brasilica, é por certo o Sr. Dr. Bittencourt Sampaio. Seu livro, a que appellidou de **FLÔRES SILVESTRES**, é o primeiro tentame de um grande poeta, a primeira estrophe de um immortal hymno, o primeiro sorriso do mancebo que já vê radiar-lhe sobre a nobre fronte a aureola da gloria. Isto dizendo, não fazemos senão repetir o que o Brasil inteiro proclamou pela voz dos seus mais legitimos orgãos na imprensa, e que está na consciencia de todos os que lêrão e admirarão este bello livro.

Gonzaga, poema por ***, com uma introdução por *J. M. Peireira da Silva*. 1 vol. in-8° 3,8000

Harmonias Brasileiras. Cantos nacionaes colligidos e publicados por *Antonio Joaquim de Macedo Soares*. 1 vol. in-4°. 4,8000

Harpas selvagens. Poesias por *J. de Souza Andrade*. 1 vol. in-4° encadernado. 4,8000

Henriade. Poema epico por *Voltaire*. 1 vol. in-8° encadernado. 2,8000

Jerusalem libertada (a) de Torquato Tasso vertida em oitava rima portugueza por *José Ramos Coelho*. 1 vol. in-4°. 7,8000

Livro de meus amores (o), poesias eroticas por *J. Norberto de Souza e Silva*. 1 vol. in-4°.

Lusitadas (os). Poema epico de *Luiz de Camões* restituído á sua primitiva linguagem, autorisada com exemplos extrahidos dos escriptores contemporaneos a Camões; augmentado com a vida d'este poeta. 1 vol. in-4° encadernado. 6,8000

- Lusiadas** (os). Poema epico de *Luiz de Camões*. 1 vol.
in-12 encadernado. 1\$000
- Magalhães** (D. J. G. de). *Canticos funebres*. 1 vol. in-4°
encadernado. 6\$000
A mesma obra ricamente encadernada. 7\$000
- Magalhães** (D. J. G. de). *Suspiros poeticos e saudades*,
segunda edição correcta e augmentada. 1 vol. in-4° nitida-
mente impresso e encadernado em Paris. 5\$000
- Magalhães** (D. J. G. de). *Urania*, collecção de cem poesias
ineditas. 1 vol. in-8° nitidamente impresso sob a vista do
autor e elegantemente encadernado. 4\$000
- Marilia de Dirceu**, poema, por *Thomaz Antonio Ge-
zaga*. 2 vols. in-8° encadernado. 6\$000
A mesma obra ricamente encadernada. 8\$000
- Meandro poetico**, coordenado e enriquecido com esboços
biographicos e numerosas notas historicas, mythologicas e
geographicas, pelo Dr. conego *Joaquim Caetano Fer-
nandes Pinheiro*. 1 vol. 2\$000
- Mendes Leal** (José da Silva). *Canticos*. 1 vol. in-4°, de
mais de 400 paginas. 4\$000
- Minhas Inspirações**. Poesias de *Antonio Manoel dos Reis*.
1 vol. in-4° broch. 3\$000
Encadernado. 4\$000
- Novas poesias** de Faustino Xavier de Novaes, acompanha-
das de um juizo critico de *Camillo Castello Branco*.
1 vol. in-4° encadernado. 3\$000
- Obras do bacharel M. A. Alvares de Azevedo**, precedi-
das de um discurso biographico, e acompanhadas de notas,
pelo Dr. D. Jacy Monteiro, terceira edição correcta e aug-
mentada com as obras ineditas, e um appendice contendo
discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor.
3 vols. in-8° primorosamente impressos e encadernados em
Paris. 9\$000

A mesma obra, rica encadernação dourada.	12,8000
A mesma obra. 3 vols. in-4°.	16,8000
A mesma obra. 3 vols. in-4° ricamente encadernados.	22,8000
Obras completas de Filinto Elyseo. 11 vols. in-4° impressos e encadernados em Paris.	40,8000
Obras de Filinto Elyseo. Os Martyres ou Triumpho da Religião Christã, poema de <i>F. A. de Chateaubriand</i> . 2 vols. in-4° encadernados.	8,8000
Obras de Filinto Elyseo. 10 vols. encadernados.	12,8000
Obras de D. Francisco Child Rolim de Moura. 1 vol. in-12 encadernado.	1,8600
Obras de Francisco de Andrade. 1 volume in-8° encadernado.	2,8500
Obras de Francisco de Moraes. 3 vols. in-8° encadernados.	6,8000
Obras de Gil Vicente, correctas e augmentadas. 3 vols. in-4° encadernados.	15,8000
Obras de Gil Vicente. 3 vols. in-12 encadernados.	6,8000
Obras de Luiz de Camões, precedidas de um ensaio biographico no qual se relatão alguns factos não conhecidos da sua vida : augmentadas com algumas composições inéditas do poeta pelo <i>Visconde de Jurumenna</i> , com o retrato do autor, sobre aço. 4 vols. in-4°.	28,8000
Obras de Luiz de Camões. 3 volumes in-8° encadernados.	6,8000
Obras poeticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhadas de documentos historicos, por <i>J. Norberto de Souza Silva</i> . 2 volumes in-8°.	6,8000

- A mesma obra ricamente encadernada, dourada, propria para presentes. 8,5000
- Ordem ou construcção litteral**, palavra por palavra, das primeiras quatro comedias de Publio Terencio. 2 vols. in-8° encadernados. 5,5000
- O Outono**. Collecção de poesias por *Antonio Feliciano de Castilho*. 1 vol. in-4° encadernado. 5,5000
- Pacotilha poetica (a)** ou a mais completa collecção de sortes para as noites de fogueiras, contendo sessenta e quatro interessantissimas perguntas, e mil oitocentas e oito engraçadas, facetas e bonitas respostas, e perto de nove mil versos!... 1 vol. in-8° encadernado. 2,5000
- Palmeirim** (Luiz Augusto). *Poesias*. Segunda edição augmentada de novas poesias. 1 vol. in-4° encadernado. 4,5000
- Paraiso Perdido (o)**. Epopéa de *João Milton*, vertida do original inglez para verso portuguez. 2 vols. in-4° encadernados. 8,5000
- Parnaso brasileiro** ou Selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma introdução historica e biographica sobre a litteratura brasileira, por *J. M. P. da Silva*. 2 vols. in-8° encadernados. 5,5000
- Parnaso lusitano** ou Poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustrado de notas. 6 vols. in-12 encadernados. 12,5000
- Poesias de Americo Elyσιο** (José Bonifacio de Andrada e Silva). 1 vol. in-8° encadernado. 3,5000
- Poesias e contos**, por Arnaldo Gama. 1 vol. in-4°. 4,5000
- Poesias completas** do Dr. *Bernardo Joaquim da Silva Guimarães*: Cantos da Solidão; Poesias diversas; Bahia de Botafogo, poemeto. 1 vol. 6,5000
- Poesias** de *Manoel Maria de Barbosa du Bocage*, colli-

- gidas em nova e completa edição, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por *L. A. Rebello da Silva*. 6 vols. in-4º encadernados. 24\$000
- Primaveras (as)** de *Casimiro J. M. de Abreu*. 1 vol. in-4º encadernado. 3\$000
- Primeiras trovas burlescas** de *Getulio*. 1 vol. in-8º broch. 2\$000
- Revelações**. Poesias de *Augusto Emilio Zaluar*. Esta edição, ornada do retrato do autor, gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. O preço de cada exemplar encadernado é 5\$000
- O nome do Sr. A. E. Zaluar é de ha muito tempo considerado como um dos mais sympathicos e conhecidos da nossa moderna litteratura.
- Ha no emtanto muito tempo que os seus admiradores esperavão com anciedade ver reunida em um tomo a preciosa collecção de seus versos escriptos depois do volume que publicou em 1851 com o título de DÓRES E FLÓRES.
- Este desejo acaba de realisar o editor das REVELAÇÕES.
- A obra que annunciamos, tendo apenas chegado da Europa, foi saudada unanime e lisongeiramente por toda a imprensa fluminense. É esta uma das provas mais inequivocas do seu merecimento.
- As REVELAÇÕES é um volume de escolhidas composições poeticas, dividido em quatro partes — O Lar, Ephemeris, Musa Fraternal e Harpa Americana. É difficil escolher em tão rico e variado jardim quaes são as flôres mais perfumadas e bellas.
- Roberto** ou a dominação dos agiotas, poema heroi-comico. Parodia ao notavel poema de *Thomaz Ribeiro D. Jayme* ou a dominação de Castella. 1 vol. in-4º encadernado. 3\$000
- Saudades**. Poesias, por *I. L. Vieira de Sá*, com o retrato do autor. 1 vol. in-8º. 2\$000
- Sentimentos harmonicos**, pelo Dr. *Hamvultando*. 1 vol. in-4º encadernado. 5\$000
- Soares de Passos (A. A.) Poesias**. 1 vol. in-8º encadernado. 2\$500
- Sombras e sonhos**, poesias de *José Alexandre Teixeira de Mello*. 1 vol. in-4º encadernado. 4\$000

- Suspiros d'Alma**, poesias por *Cyrillo de Lemos*. 1 vol. in-4° broch. 3\$000
- Tempestades sonoras**, por *Theophilo Braga*. 1 vol. encadernado.
- Tratado de metrificacão portugueza**, para em pouco tempo, e até sem mestre, se aprender a fazer versos de todas as medidas e composições, seguido de considerações sobre a declamação e poetica; obra approvada. 1 vol. in-8° encadernado. 2\$500
- Tristes e intimas**. Poesias, por *Climaco A. B. d'Oliveira*. 1 vol. in-8° encadernado. 3\$000
- Trovas Mineiras** do padre Silverio Ribeiro de Carvalho, publicadas por J. M. Vaz Pinto Coelho. 1 vol. broch. 2\$500
- Vademeco dos poetas** ou collecção de sonetos joco-serios, exquisitos, curiosos e burlescos, extrahidos de varios autores. 1 vol. in-8° encadernado. 2\$000
- Visão dos tempos** — Antiguidade Homérica — Harpa de Israel — Rosa mystica; por *Theophilo Braga*. 1 vol in-8 ornado com o retrato do autor, encadernado. 3\$000
- Vozes d'Alma**, por *Alex. Braga*. 1 vol. in-4° encadernado.
- Vozes d'America**, poesias de *L. N. Fagundes Varella*. 1 vol. in-4° broch. 3\$000
- A mesma obra encadernada. 4\$000
- A mesma obra com rica encadernação. 5\$000

N. B. Além das obras incluidas n'este catalogo, a mesma Livraria tem sempre um sortimento de todas as obras novamente publicadas no Rio de Janeiro e em Lisboa.

O catalogo francez manda-se, sobre pedido, a qualquer ponto do Brasil.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).